

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOGRAPHICO PORTUGUÊS

VOL. I

FEVEREIRO DE 1895

N.º 2

Manoel Negrão

No vetusto solar de Mosteirô, que se pendura nas penedias que estreitam o Douro e o fazem cachoar em *pontos* terríveis, pelo seu leito de granito, vive, na freguesia de Ancêde, d'este concelho, o sr. Manoel Nicoláo Osorio Pereira Negrão.

Representante dignissimo do appellido herdado, sabe manter-lhe o brilho, sem que no seu trato cavalheiroso e distincto transpirem os preconceitos aristocraticos da raça.

Uma das paixões dominantes de Manoel Negrão são os estudos e as investigações archeologicás. Sempre que os cuidados da casa lh'o permittem, lá vae elle a percorrer as leguas infinitas do Douro e da Beira, em cata de uma inscripção, de um *dolmen*, de uma moeda archaica, de tudo que lhe leve o espirito ás remotas paragens do passado; e suppõe ganho o seu dia, se, depois de atravessar os despenhadeiros das nossas serras alcantiladas, firme na sella com o vigor dos vinte annos, consegue accrescentar ao seu museu de Mosteirô um machado de bronze ou um caco romano.

Assim tem reunido uma valiosa collecção archeologica, que mostra aos amigos que o visitam, acariciando e encarecendo com verdadeiro affecto de entendido os espécimes mais raros.

Quem o procurar na sua vicejante quinta de Mosteirô, encontra-o quasi sempre, rodeado de antigualhas, a ler obras escolhidas de archeologia e numismatica, de que só desvia a attenção para a prestar ás perguntas dos formosos netos que não raro lhe fazem companhia á sua mesa de estudo.

No livro intitulado *Maria da Fonte* dedica-lhe Camillo Castello Branco as seguintes linhas:

«Manoel Nicoláo Osorio Pereira Negrão, filho do desembargador Pereira Negrão, e neto do celebre e erudito chanceller-mor do reino, Manoel Nicoláo Esteves Negrão, cofundador da Arcadia Ulyssiponense, retirou ha vinte e cinco annos do Porto para a sua casa solar de Mosteirô, na margem direita do Douro. Entre os rapazes mais prezados, mais cavalheiramente briosos em que o Porto primava nesse tempo, Manoel Negrão era modelo dos mais selectos. Acercando-se de raros amigos, eu fui um dos mais honrados com a sua estima e confiança desde 1847. Separados pela distancia das leguas e dos annos, quando raramente nos encontramos, sentimos remoçarem-se por momentos aquelles dois rapazes nada romanticos, em pleno romantismo, que endureciam o corpo em passeios a cavallo de dezoito leguas, até Coimbra; e elle, se lhe pruiam saudades, mettia de esporas, e ia ali a baixo até Lisboa, visitar sua avó, a sr.^a viscondessa de Magé, ou os seus primos, os Teixeiras, da Pampulha. Eram assim os duros Marialvas antes do sybaritismo da malaposta e da estúpida celeridade da via ferrea. E, nos intervalos d'essa gymnastica restaurante, amollentavamos a alma, recitando com muita ternura as poesias lacrymaveis dos menestreis nossos contemporaneos...

«Manoel Negrão está forte, donoso cavalleiro como sempre, e sobre tudo rejuvenescido pelas delicias de avô, as delicias da familia, que lhe foram toda a vida as supremas.

«Elle ainda não tinha dezaseis annos quando cingiu uma espada, e se alistou sob a bandeira treda do general escocez. Levaram-no para alli as tradições, o appellido heraldico, a raça? Não: elle nunca me disse os nomes de seus avós, nem se julgava obrigado a dar o sangue por uns preconceitos muito alheios da sua indole. Manoel Negrão seguia o estandarte dos realistas para experimentar a impressão dos perigos extraordinarios.

«Se Macdonell morresse como um bravo no campo da batalha, o meu querido amigo teria morrido ao seu lado.»

Volveram dez annos depois que o grande escriptor traçou estas linhas, e, apesar d'isso, ainda não passou de todo a Manoel Negrão o antigo entusiasmo cavalleiresco, embora actualmente subordinado ao da archeologia.

Baião, 21 de Dezembro de 1894.

ALEXANDRE CABRAL.

P. S. Por muitas vezes tenho visitado e examinado a collecção archeologica a que se refere o artigo precedente, pois que a Manoel Negrão, seu proprietario, me ligam estreitas relações de parentesco e

amizade. Não faltará ensejo de se fallar d'esta collecção n-*O Archeologo Português*. Ella é bastante valiosa. Manoel Negrão não perde a occasião de a augmentar, sempre que póde.

Consta de objectos prehistoricos e romanos, moedas portuguesas e romanas, armas, etc. O principal interesse da collecção está em que a maior parte dos objectos são do concelho de Baião e de concelhos vizinhos.

Entre os objectos especializarei um bronze curiosissimo, e como o qual não vi ainda outro, nem em museus, nem em estampas, representando, no meu entender, um *ex-voto*, no qual apparece uma serie de animaes, provavelmente animaes de sacrificio, ou sagrados, e uma figura humana, que supponho representar o sacrificador; este objecto foi achado no Minho. São tambem dignos de menção os monumentos epigraphicos romanos d'este museu: um d'elles, uma ara consagrada a Juppiter, achada na propria quinta de Mosteirô, que foi uma estação luso-romana, o que se reconhece por muitos vestigios¹; outros, que consistem em pedras sepulcraes, provenientes de Carquere, no concelho de Resende².

Manoel Negrão conhece *de visu* todos os castros e monumentos archeologicos vizinhos de Mosteirô, os quaes tem visitado em companhia do Sr. Dr. João de Vasconcellos, do Marco de Canaveses, a quem a archeologia portuguesa deve igualmente muitos serviços, apesar da extrema modestia com que elle os presta.

É pois com muita satisfação que *O Archeologo* publica a noticia antecedente, já por se referir a quem se refere, já pelo nome que a firma.

O Sr. Dr. Alexandre Cabral, que, como Manoel Negrão, pertence a uma nobre familia, e possui illustração e talento que o tornam um dos cavalheiros mais queridos do concelho de Baião, praticou um acto de justiça escrevendo o artigo que aqui se publica. O que desejo é que não seja o último com que elle honre as columnas d-*O Archeologo*. Já que os estudos archeologicos o attraem, ha motivos para esperar que prosiga nelles, tanto mais que por todo o concelho, e mesmo ao pé das suas proprias quintas, tem abundantes estudos que fazer, e castros que explorar.

J. L. DE V.

¹ A inscripção d'esta ara foi publicada na *Revista de Guimarães* (IV, 187; V, 11), e depois no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II (Supplem.), § 5567.

² Publiquei as inscripções d'estes monumentos na *Revista Archeologica*, II, 115, d'onde foram transcriptas para o *C. I. L.*, II (Supplem.), § 5574 sqq.